

SEÇÃO
DE LIVROS

A Última Batalha

CONDENSAÇÃO
DO LIVRO
DE
CORNELIUS
RYAN



A Última Batalha é uma crônica sensacional do momento fulminante— a queda de Berlim—em que o Terceiro Reich se desfez em ruínas e a Segunda Guerra Mundial na Europa aproximou-se do fim. Tal como *O Dia Mais Longo da História*, êste livro é baseado em registros oficiais e nas recordações de centenas de pessoas envolvidas: de altos oficiais de comando soviéticos às apreensivas mulheres de Berlim; de membros dos círculos mais chegados do Presidente Roosevelt aos soldados de infantaria que participaram da luta; de generais alemães e da dentista que sabia o que não sa-



biam os Aliados—onde se encontrava o semiparalítico e espectral Adolf Hitler.

Aqui são publicados pela primeira vez fatos que serão novos mesmo para muitos que se encontravam onde se desenrola a ação do livro—fatos que darão nova forma à história daquele período. Cornelius Ryan é o primeiro escritor ocidental a quem foi permitido entrevistar os participantes soviéticos da tomada de Berlim, de marechais a praças, e a ter acesso aos arquivos soviéticos de guerra. Êle é a primeira pessoa que reuniu, através de entrevistas pessoais, os detalhes de como um plano para a ocupação da Alemanha delineado pelo Presidente Roosevelt foi arquivado pelo Departamento da Guerra e lá esquecido; e a descobrir que o Serviço Secreto Alemão capturou o plano aliado de ocupação da Alemanha antes que êle fôsse ratificado em Ialta.

Agora Redator-Itinerante do Reader's Digest, Ryan passou três anos e meio escrevendo *A Última Batalha*. Foi ajudado nessa tarefa por uma equipe de repórteres do Digest, intérpretes e pesquisadores, que rebuscaram arquivos em Berlim, Washington e Londres, e o auxiliaram a entrevistar pessoas em 15 países. Esta é a primeira parte de um livro a ser lançado brevemente, que ganhará manchetes, provocará debates e será considerado um clássico da literatura da Segunda Guerra Mundial.

A Última Batalha



NAS LATITUDES setentrionais alvorece cedo. Ainda os bombardeiros faziam a volta para deixar a cidade e já os primeiros raios de luz despontavam a leste. Grandes colunas de fumaça negra se elevavam sobre os bairros de Pankow, Weissensee e Lichtenberg. Nas nuvens baixas era difícil distinguir a claridade do dia do reflexo dos incêndios que ardiam em Berlim bombardeada.

Quando, afastando-se lentamente, a fumaça passou por cima das ruínas, em 21 de março de 1945, a mais castigada cidade da Alemanha pôde ser

vista em solene e macabro esplendor. Estava pontilhada de milhares de crateras e, contra o céu, as vigas retorcidas de milhares de prédios arrasados lembravam rendas. Quarteirões inteiros de edifícios de apartamentos tinham desaparecido, bairros inteiros não existiam mais. Por toda parte se abriam para o céu estruturas esburacadas, sem janelas, sem teto.

Ao longo da larga faixa da Unterdn Linden, poucos bancos, bibliotecas e lojas elegantes haviam permanecido ilesos. Entretanto, a ex-

tremidade ocidental da avenida, o mais famoso marco distintivo de Berlim, a Porta de Brandeburgo, com a altura de um prédio de oito andares, embora fundamente lascada e arranhada, continuava escarranchada sobre a *via triumphalis*, apoiada em suas 12 sólidas colunas dóricas.

Na vizinha Wilhelmstrasse, ladeada por edifícios do govêrno e antigos palácios, fragmentos de vidraças de milhares de janelas luziam nos detritos. O n.º 73, o belo palacete que servira de residência oficial aos presidentes alemães na era anterior ao Terceiro Reich, tinha sido calcinado por violento incêndio. Um quarteirão adiante, o n.º 77 estava intato, embora com algumas marcas. Montes de entulho circundavam o prédio de três andares em forma de L. Projetando-se para fora da desarmônica fachada pardo-amarela via-se a imponente sacada de onde tinham sido lançados ao mundo muitos discursos frenéticos. A Reichskanzlei—a Chancelaria—de Adolf Hitler continuava de pé.

Através da atormentada cidade as sireias soaram avisando que o perigo passara. A 314.ª incursão aérea aliada sobre Berlim terminara. Nos primeiros anos de guerra os ataques tinham sido esporádicos. Agora, a capital achava-se sob bombardeio aéreo quase contínuo. Os norte-americanos bombardeavam de dia, os ingleses de noite. Nesse altura os explosivos tinham assolado mais de 25 quilômetros quadrados de área edificada—10 vezes a área destruída em Londres

pela Luftwaffe. Oitenta e cinco milhões de metros cúbicos de destroços jaziam nas ruas. Quase metade das 1 562 000 moradias de Berlim tinha sido destruída ou danificada. Pelo menos 52 000 pessoas tinham morrido e o dôbro dêsse número gravemente feridas—cinco vezes o número de baixas causadas pelos bombardeios de Londres. E a agonia final ainda estava por vir.

Todavia, nesse êrmo de devastação a vida prosseguia com uma espécie de normalidade lunática. Doze mil policiais continuavam de serviço. Os carteiros entregavam a correspondência; os jornais saíam diariamente; o serviço telefônico continuava funcionando; e o lixo era recolhido. Alguns cinemas e teatros estavam abertos. As grandes lojas faziam liquidações. As tinturarias e os salões de beleza atendiam a uma boa freguesia. O mais espantoso, no entanto, talvez fôsse o fato de 65% das grandes fábricas de Berlim ainda serem capazes de produzir alguma coisa. Quase 600 000 pessoas tinham empregos, mas muitas vezes levavam horas para chegar ao local de trabalho. Os berlinenses tinham dado para madrugar. Todos queriam chegar ao trabalho a tempo porque os americanos, também madrugadores, freqüentemente já estavam sobre a cidade às nove da manhã.

Nessa bonita manhã, nos 20 bairros pelos quais se esparramava a cidade, os berlinenses surgiram como trogloditas da Era Neolítica. Emergiram das entranhas dos metrô, de

abrigos debaixo de edifícios públicos, das adegas e porões de suas casas destruídas. Quaisquer que fossem suas esperanças, temores ou convicções políticas, aquêles berlinenses, que haviam sobrevivido mais uma noite, estavam decididos a viver mais um dia.

O mesmo se podia dizer da própria nação. Naquele sexto ano da Segunda Guerra Mundial, a Alemanha de Hitler lutava desesperadamente para sobreviver. O Reich, que devia durar um milênio, fôra invadido pelos dois lados. Apenas a 500 quilômetros a oeste as forças anglo-americanas desciam pelo Rio Reno, havendo-o transposto em Remagen, e dirigiam-se para Berlim. Na margem leste do Óder, uma ameaça bem mais premente e infinitamente mais temível se materializara. Ali se achavam os exércitos russos, a menos de 80 quilômetros de distância.

Enfrentando o Desconhecido

NO BAIRRO de Zehlendorf, a sudoeste, o leiteiro Richard Poganowska, como de hábito, levantou-se ao romper do dia. Êle trabalhava para a velha fazenda Domäne Dahlem, de 300 anos, a alguns quilômetros apenas do centro da imensa capital. Fôra quase impossível dormir por causa do martelar dos canhões antiaéreos e das explosões das bombas. Como tôda gente em Berlim, o corpulento leiteiro de 39 anos vivia constantemente cansado naqueles dias.

Sonolento, carregou a velha carroça de leite e o reboque, atrelou os dois cavalos, e às seis horas da ma-

nhã, tendo no assento a seu lado Poldi, o seu lulu cinzento da Pomerânia, começou a fazer as entregas aos seus 1 200 fregueses. Cada vez mais os fregueses pareciam cansados, ansiosos e preocupados. Poganowska não provocava comentários sôbre as notícias, e sim enfurnava-se na rotina diária de 15 horas.

Agora, todo dia ficava atento a certos sinais que o ajudavam a não perder de todo a esperança. Em primeiro lugar, as estradas ainda estavam abertas. Não havia barreiras nem armadilhas anticarro nas ruas principais, não havia peças de artilharia ou tanques soterrados, nem soldados guarnecendo posições-chaves. E tôda manhã, ao passar pelo subdistrito de Friedenau, dava uma olhadela à casa de um nazista bastante conhecido, autoridade do Departamento dos Correios de Berlim. Pelas janelas da sala de estar êle podia ver o grande retrato em sua grossa moldura. A vistosa pintura de Adolf Hitler, com os traços audazmente arrogantes, continuava lá. Se a situação fôsse realmente crítica, supunha Poganowska, aquêle santuário do Führer já teria desaparecido.

Fêz uns ruídozinhos com a bôca para incitar os cavalos a prosseguirem em seu itinerário. A despeito de tudo, não podia ver nenhuma razão para se alarmar demais.

EM SEU quartel-general, numa casa de estuque de três andares nos subúrbios de Landsberg, a 40 quilômetros a leste do Óder, o Marechal

da União Soviética Georgi K. Zhukov estava sentado à mesa de trabalho. Numa parede havia um vasto mapa de Berlim, mostrando os pormenores da projetada ofensiva de Zhukov, para tomar a cidade. Sobre a mesa havia três telefones de campanha. Um era para uso geral, outro ligava-o aos Marechais Konstantin Rokossovskii e Ivan Koniev, comandantes dos enormes grupos de exércitos dispostos nos seus flancos norte e sul. O terceiro telefone era uma linha direta com Moscou e com o comandante supremo, Joseph Stalin. Zhukov, comandante da 1.^a frente bielo-russa, um homem de 49 anos, de peito roliço, falava com Stalin tôdas as noites às 11 horas.

Nesse momento Zhukov se perguntava quando Stalin daria a ordem para tomar Berlim. Provisòriamente, planejara o ataque para fins de abril. Na orla oeste da cidade passava a única via de fuga ainda possível aos defensores alemães. Êle planejara atacá-los de ambos os lados quando tentassem escapar. Na primeira semana de maio êle previa mortandade em massa no bairro de Spandau.

Um Delicado Problema de Moral

CARL JOHANN WIBERG abriu as portas-janelas da sala de estar no segundo andar do seu apartamento em Wilmersdorf, saiu para a pequena varanda e olhou o tempo. Seus dois bassés, Tio Otto e Tia Effie, encaravam-no ansiosamente abanando a cauda, à espera do passeio matinal.

Passear era praticamente a única coisa que Wiberg fazia então. Todos gostavam do negociante sueco de 49 anos, considerando-o um "bom berlinense" em primeiro lugar e sueco depois: êle não abandonara a cidade como tantos outros estrangeiros haviam feito quando o bombardeio começara. Além disso, apesar de Wiberg nunca se queixar, os vizinhos sabiam que êle perdera quase tudo. Sua espòsa morrera em 1939. Suas fábricas de cola tinham sido postas fora de ação pelas bombas. Após 30 anos como pequeno homem de negócio em Berlim, pouco mais lhe restava além dos dois cães e do apartamento.

Enfiando as trelas nos cães, Wiberg fechou cuidadosamente a porta do apartamento ao sair e desceu os dois lanços de escadas até ao entulho da rua. Tirou o chapéu para alguns vizinhos e, com os cães à frente, foi procurando o caminho pela rua, desviando-se cuidadosamente das crateras. Onde estaria *Der Führer*, agora que o fim se afigurava próximo, perguntava-se Wiberg. Em Munique? Em seu Ninho da Águia nas montanhas de Berchtesgaden? Ou ali em Berlim? Ninguém parecia saber; o paradeiro de Hitler era sempre um grande segredo.

Nessa manhã Wiberg resolveu parar em seu bar favorito, o de Harry Rosse, no número 7 da Nestorstrasse —um dos poucos ainda abertos no bairro. O bar tinha uma freguesia variada: figurões nazistas, oficiais alemães, uns quantos negociantes. Sem-

pre havia boa conversa, e a gente podia pôr-se em dia com as notícias: onde tinham caído as bombas na noite anterior, que fábricas haviam sido atingidas. Wiberg gostava dessa reunião com velhos amigos nesse ambiente jovial, e estava interessado em quase todos os aspectos da guerra, inclusive o moral. Em particular, queria saber onde Hitler se encontrava.

Apesar de tôdas as perguntas que se amontoavam na cabeça, Wiberg sabia algumas coisas que teriam surpreendido seus vizinhos. Pois aquê-le sueco, que era um bom berlinense, também era membro do ultra-secreto Departamento de Serviços Estratégicos dos Estados Unidos. Era um espião aliado.

O PADRE Bernhard Happich ia pedalando resolutamente a sua bicicleta pelas atravancadas ruas de Dahlem. Um problema delicado o preocupava havia várias semanas. Agora chegara a uma decisão.

Aquê-le padre de 55 anos de idade era, também, doutor em Medicina. Entre seus muitos deveres êle era o padre provincial de Haus Dahlem, o hospital-maternidade e orfanato dirigido pelas Irmãs da Missão do Sagrado Coração. Padre Happich havia muito concluía que Hitler e sua brutal nova ordem estavam fadados à catástrofe. Agora a crise aproximava-se rapidamente. A sorte de Berlim estava selada. Que aconteceria a Haus Dahlem e a suas boas irmãs?

Como todo o mundo, êle ouvira

refugiados que tinham escapado dos russos contarem horrores ocorridos na Alemanha Oriental. Muitas das descrições eram exageradas, estava certo, mas algumas êle sabia que eram verdadeiras. O Padre Happich resolvera prevenir a Madre Superiora Cunigundis e seu rebanho, e agora tinha de encontrar as palavras apropriadas para falar-lhes. Como dizer a 60 freiras e irmãs leigas ignorantes das coisas do mundo, que estavam em perigo de ser violadas?

A Roda da Desforra

O MÊDO de ataques sexuais pairava sôbre Berlim como uma mortalha, pois ela era agora principalmente uma cidade de mulheres. No comêço da guerra, em 1939, tivera 4 321 000 habitantes. Mas as perdas de guerra, a convocação de homens e mulheres e o fato de, em 1943-44, um milhão de cidadãos terem saído voluntariamente de Berlim para se refugiarem no campo onde havia mais segurança, diminuía muito aquê-le total. As autoridades militares calculavam que a população civil de Berlim devia ser de umas 2 700 000 pessoas, das quais mais de dois milhões eram mulheres.

Os fugitivos das províncias orientais, que escapavam para o Oeste passando por Berlim, contavam que as tropas russas de primeira linha em avanço eram bem disciplinadas e comportavam-se bem, mas que as unidades secundárias que as seguiam eram uma escória desorganizada. Em loucas orgias, alcoolizados, os homens

do Exército Vermelho tinham assassinado, saqueado e estuprado. Muitos comandantes russos pareciam coniventes com os excessos. Por toda parte na enchente de refugiados havia mulheres que contavam horríveis episódios de assaltos brutais nos quais haviam sido obrigadas, sob ameaça de armas, a se despirem e submeterem-se depois a repetidas violações.

Alguns berlinenses preferiam não dar crédito a essas histórias, porque à propaganda, quer a disseminada pelos refugiados, quer a do govêrno, já não tinha mais sentido para êles. Mas os que sabiam das atrocidades e dos assassinatos coletivos cometidos pelas tropas SS alemãs na Rússia — e havia milhares que as conheciam — temiam que as descrições fôsem verídicas. Também os que se davam conta do que estava sucedendo aos judeus nos campos de concentração bem podiam crer que o opressor se estava convertendo em oprimido, e que a roda da desforra estava completando a volta. Não querendo arriscar-se, muitos burocratas altamente situados e autoridades nazistas tinham discretamente retirado suas famílias para fora de Berlim ou estavam na iminência de fazê-lo.

Os fanáticos ainda permaneciam. E os berlinenses comuns, menos bem informados, também ficavam. Não podiam ou não queriam partir.

Alguns estavam tristemente cientes do que estava para vir. Em sua clínica particular em Schöneberg, a Dr.^a Anne-Marie Durand-Wever, di-

plomada pela Universidade de Chicago e famosa ginecologista, exortava suas clientes a deixarem Berlim. A médica de 55 anos de idade examinara numerosas refugiadas e concluía que se havia inexatidão nas histórias de ataques sexuais ela residia apenas em se estar subestimando os fatos. Se os russos tomassem Berlim, ela acreditava que toda mulher de 8 a 80 anos teria probabilidade de ser violada. A Dr.^a Durand-Wever tentava permanecer em Berlim, mas levava sempre consigo para onde quer que fôsse uma capsulazinha de cianeto de ação rápida.

A Dr.^a Margot Sauerbruch trabalhava com o marido, o Prof. Ferdinand Sauerbruch, o mais eminente cirurgião alemão, no mais antigo e maior hospital de Berlim, o Charité. Situado perto de duas grandes estações ferroviárias, o hospital recebera os piores casos entre os refugiados. Em face do exame das vítimas, a Dr.^a Sauerbruch também não alimentava ilusões.

Ela estava estarecida diante do número de refugiados que haviam tentado suicidar-se — incluindo dezenas de mulheres que não tinham sido molestadas. Aterrorizadas pelo que tinham presenciado ou ouvido, muitas haviam cortado os pulsos. Algumas tinham até tentado matar os filhos. Parecia evidente que haveria uma onda de suicídios em Berlim se os russos capturassem a cidade.

Restava ainda uma última esperança. Com pavor do Exército Vermelho, a vasta maioria da população,

particularmente as mulheres, agora desejava desesperadamente que as forças anglo-americanas tomassem Berlim.

Um Estado de Espírito

NUMA extraordinária mudança de atitude, os berlinenses, que tinham quase diariamente brandido os punhos contra os bombardeiros britânicos e americanos, agora falavam ardentemente dos aliados ocidentais como "libertadores". Muitos combatiam seus receios ouvindo as irradiações da BBC e anotando cada fase dos combates que se travavam na frente ocidental em desagregação—quase como se estivessem seguindo a marcha de um vitorioso exército alemão que corresse a salvar Berlim. Entre as incursões aéreas, Margarete Schwarz, contadora, meticulosamente marcava a progressão anglo-americana pela Alemanha Ocidental, contando satisfeita cada quilômetro ganho.

INCRIVELMENTE, em toda a Berlim, em minúsculos cubiculos e armários embutidos, em adegas úmidas e sótãos sem ventilação, algumas das maiores vítimas da perseguição nazista apegavam-se tristemente à vida e aguardavam o dia em que poderiam sair de seus esconderijos. Não se importavam de quem chegasse primeiro, desde que alguém chegasse, e depressa. A maioria de seus amigos julgava-os mortos—e, de certo modo, eles estavam mortos. Alguns não viam o sol havia anos.

Eles conservaram uma calma férrea: engenhosos e tenazes, deviam suas vidas à capacidade de dominar quase totalmente toda emoção. Após seis anos de guerra e quase 13 de medo e inquietação, na própria capital do Reich hitlerista quase 3 000 deles ainda sobreviviam. O fato era também um atestado da coragem de cristãos que protegeram aquêles desprezados bodes expiatórios da nova ordem—os judeus.

Siegmund e Margarete Weltlinger, ambos com quase 60 anos, estavam escondidos em Pankow. Uma família de cientistas cristãos, os Möhring, tinham-nos abrigado arriscando as próprias vidas. Os Möhring e as duas filhas viviam em um apinhado apartamento de dois cômodos. Mas os Möhring compartilhavam o espaço de que dispunham e suas rações com seus hóspedes sem se queixarem.

Durante dois anos o mundo exterior para os Weltlinger fôra somente uma nesga de céu emoldurada por prédios, mais uma única árvore no pátio desolado defronte da janela da cozinha. No ano anterior mais de 4 000 judeus tinham sido presos pela Gestapo nas ruas de Berlim. Muitos deles haviam arriscado a liberdade por serem incapazes de suportar mais o confinamento.

Presos: Dentro e Fora da Cadeia

O CAPITÃO Helmuth Cords, veterano da frente russa, com 25 anos, era portador da Cruz de Ferro por bravura. Era também prisioneiro em

Berlim e provavelmente não viveria para ver o fim da guerra.

Cords era um dos 7 000 alemães que tinham sido presos por causa da tentativa de assassinato de Hitler oito meses antes, em 20 de julho de 1944. Em uma orgia bárbara, quase 5 000 supostos participantes—qualquer pessoa remotamente relacionada com os conspiradores—tinham sido sumariamente executados, inocentes e culpados igualmente. “Devem ser todos dependurados como gado”, ordenara Hitler. Os principais foram enforcados exatamente daquela maneira: em ganchos de açougue. Foram enforcados com cordas de piano em vez de corda comum.

Agora, na Ala B da Prisão Lehrterstrasse, um prédio em forma de estrêla, o último grupo de supostos conjurados aguardava—talvez uma centena deles. Todo dia tiravam da cadeia presos que nunca mais eram vistos. Tudo dependia dos caprichos de um homem: o chefe da Gestapo, o SS Gruppenführer Heinrich Müller.

O Capitão Helmuth Cords era um dos inocentes. Ele estivera servindo como oficial adjunto no gabinete do chefe do estado-maior do Exército da Reserva, Coronel Claus Graf von Stauffenberg. Só havia um senão inconveniente naquele cargo: von Stauffenberg, de 36 anos (ele só tinha um braço e usava um tapa-olho preto sobre a vista esquerda), fora a principal figura do complô de 20 de julho, o homem que se oferecera vo-

luntariamente para matar Hitler. Por isso, Cords fora detido e, desde então, mantido prêso sem julgamento. E não só Cords, mas também sua noiva, Jutta Sorge, e a mãe e o pai dela.

Outro grupo de presos vivia em Berlim. Eram os trabalhadores-escravos—homens e mulheres de quase todos os países subjugados pelos nazistas. Havia poloneses, tchecos, noruegueses, dinamarqueses, holandeses, luxemburgueses, franceses, iugoslavos e russos. Ao todo, os nazistas haviam importado à força perto de sete milhões de pessoas—o equivalente a quase toda a população da cidade de Nova York—para trabalharem em casas e empresas alemãs. Mais de 100 000, a maioria franceses e russos, trabalhavam em Berlim.

Êsses estrangeiros viviam em “cidades” de prédios tipo quartel, perto das fábricas ou no interior, comiam em ranchos coletivos e usavam chapas de identificação. Muitos tinham liberdade para circular por Berlim e até para ir ao cinema, desde que observassem o rígido toque de recolher. Milhares deles, entretanto, tinham sido virtualmente privados de liberdade.

Pode parecer estranho, mas em toda a Berlim os trabalhadores ocidentais perceberam uma modificação nos russos, quase a cada dia que passava. Na fábrica de produtos químicos Schering, em Charlottenburgo, os russos, que se poderia esperar estivessem entusiasmados com a pos-

sível captura da cidade por seus compatriotas, estavam, ao contrário, consideravelmente deprimidos. As mulheres ucranianas e bielo-russas estavam particularmente desassossegadas.

Quando chegaram, dois anos antes, as mulheres vestiam à moda simples das camponesas. Aos poucos, haviam mudado. Muitas começaram a usar produtos de beleza. A maneira de se pentear e vestir, bem como os modos, tinham-se alterado visivelmente. A m^oças russas copiavam as francesas e alemãs mais requintadas com as quais tinham contato. Agora, quase do dia para a noite, elas tinham voltado de novo à roupa camponesa.

Os Verdadeiros Crentes

O HUMOR cáustico, o cepticismo político e falta de entusiasmo pelo Führer e sua nova ordem, demonstrados pelos berlinenses, atormentavam havia muito o Partido Nazista. Toda vez que se procuravam organizar desfiles com tochas e outras demonstrações nazistas para impressionar o mundo, era preciso mandar buscar em Munique milhares de homens das tropas de assalto para engrossar as turbas de manifestantes. “Êles ficam melhor nos noticiários cinematográficos do que nós”, caçoavam os berlinenses, “e têm pés maiores!”

Frustrado e colérico, Hitler havia muito tempo planejara reconstruir a cidade e remodelá-la segundo a imagem nazista, e até mudar o seu nome para “Germânia”. Êle nunca se es-

queceu de que em tôdas as eleições livres os berlinenses o haviam rejeitado. Na crítica eleição de 1932, Berlim só lhe deu 23% da votação.

Mas agora os fanáticos entre os cidadãos estavam resolvidos a fazer de Berlim, a menos nazista das cidades alemãs, o último *Festung* (baluarte) do nazismo. Embora em minoria, ainda detinham o comando. Milhares dêles eram adolescentes que só conheciam um deus: Hitler. Muitos haviam sido adestrados para usar grande variedade de armas. Klaus Küster, membro da Juventude Hitlerista, era um caso típico. Sua especialidade era pôr fora de ação carros de combate a menos de 60 metros. Klaus ainda não tinha 16 anos completos.

Os mais dedicados de todos eram os membros da SS. Estavam tão convencidos da vitória final e eram tão fanáticos que, para os outros alemães, sua atitude mental desafiava a compreensão. O Dr. Ferdinand Sauerbruch, no Hospital Charité, operando um homem gravemente ferido que acabava de chegar da frente do Óder, ficou súbitamente paralisado por um instante. No silêncio da sala de operações, do fundo da sua anestesia, o soldado da SS começou a falar. Calma e distintamente, êle repetiu seguidas vêzes: “*Heil Hitler! ... Heil Hitler! ... Heil Hitler!*”

Havia outros tão confiantes, tão enredados no ambiente embriagador de sua posição privilegiada, que se sentiam totalmente seguros. Uma

pessoa assim era a atraente Käthe Reiss Heusermann. Loura, de olhos azuis e vivaz, Käthe, de 36 anos, devotava-se ao seu serviço de auxiliar do Prof. Hugo J. Blaschke, o mais destacado dentista dos chefes nazistas. Competente e estimada, ela atendera a quase todo o séquito de Hitler—e, de uma feita, ao próprio Führer.

Cinco meses antes, ela e Blaschke tinham sido chamados urgentemente ao quartel-general do Führer em Rastenburg, na Prússia Oriental. Encontraram Hitler prêsá de dores agudas. “O rosto dêle, particularmente a face direita, estava horrivelmente inchada”, recordou ela mais tarde. “Êle tinha os dentes muito estragados e, nessa altura, o dente do siso do lado direito estava sèriamente infeccionado.”

O dente precisava ser extraído. Ia ser uma operação horrivelmente dolorosa, e o Führer, que detestava anestésicos, só aceitaria “o mínimo indispensável”. Blaschke deu-lhe

uma injeção no maxilar superior. Käthe ficou de pé ao lado do Führer com uma das mãos repuxando-lhe para trás a bochecha e segurando um espelho na outra. “E durante todo o tempo”, contou Käthe posteriormente, “Hitler não se mexeu nem pronunciou uma única palavra. Foi extraordinário. Não sabemos como pôde suportar a dor.”

Uma regra fundamental para os que trabalhavam para o Führer era que tudo o que se referia a êle, especialmente as doenças, fôsse mantido em absoluto segrêdo. Käthe sabia guardar segredos. Sabia, por exemplo, que estava sendo confeccionada uma dentadura especial para a primeira dama do Reich, reconhecida como tal embora não fôsse casada com Hitler. A ponte de ouro seria adaptada na primeira vez que ela fôsse a Berlim. Eva Braun realmente precisava dela.

Finalmente, Käthe conhecia um dos mais bem guardados de todos os segredos. Era responsabilidade sua



enviar um jôgo completo de instrumentos e suprimentos dentários para todo lugar que o Führer fôsse. Além disso, ela estava preparando uma nova ponte para uma das quatro secretárias de Hitler, Johanna Wolf, e por isso viajara quase diàriamente entre a sala de cirurgia de Blaschke e a da Reichskanzlei nas últimas nove semanas. Adolf Hitler estava na Reichskanzlei desde 16 de janeiro.

No Caminho Para a Eternidade

O DIA 22 de março amanheceu brumoso e frio. Ao sul da cidade, a Reichsstrasse 96 estendia-se pelos pinhais gotejantes, com manchas de geada brilhando vagamente na larga faixa asfaltada. Caminhões pesados transportavam fichários, equipamento de escritório e caixas de papelão. Outros levavam altas pilhas de móveis de categoria, engradados com quadros, objetos de metal, cerâmica e estátuas. Em cima de um caminhão aberto um busto de Júlio César balançava suavemente.

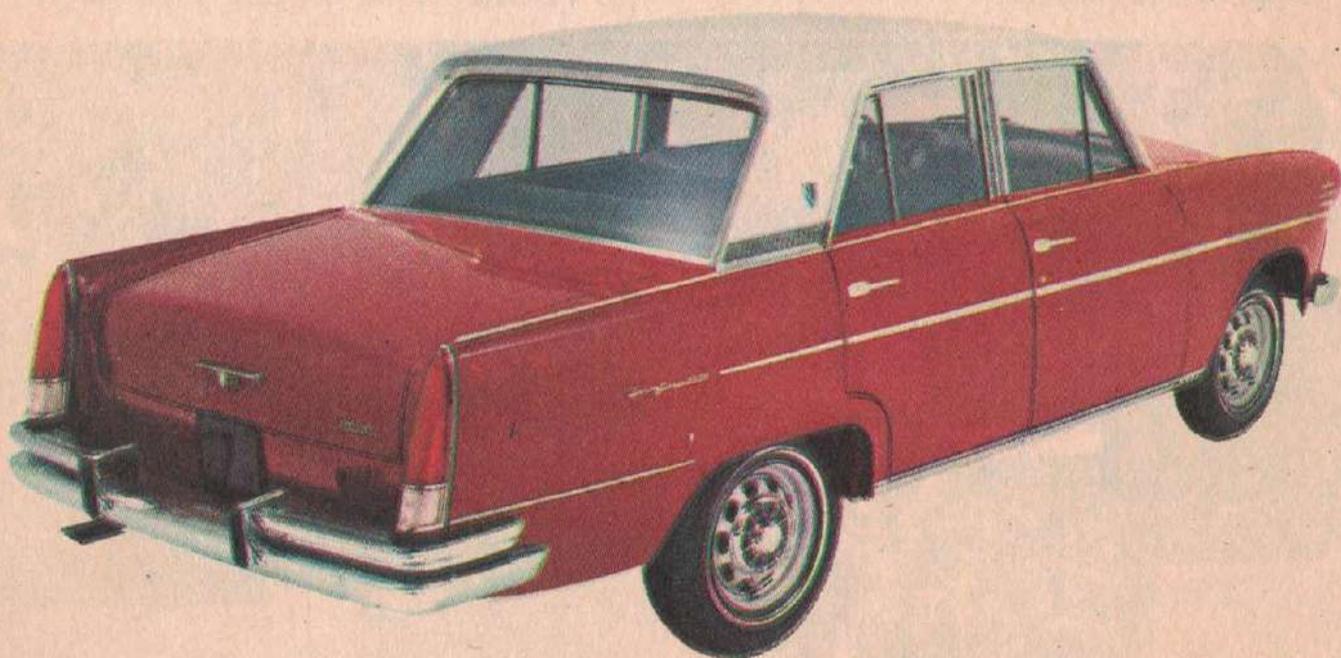
Espalhados entre os caminhões havia grandes automóveis de passeio—limusines Horchs, Wanderers, Mercedes. Todos levavam o emblema prateado da suástica que os marcava como viaturas oficiais do Partido Nazista. E todos iam na mesma direção: o sul. Nos carros iam os burocratas do Partido do Terceiro Reich. Com mulheres, filhos e pertences, êles estavam escapando.

Correndo velozmente para o norte pelo outro lado da estrada veio um grande carro oficial Mercedes, e, envolto num velho capote de pele de carneiro, o General Gotthard Heinrici ia sentado ao lado do motorista. Estavam a caminho do quartel-general do Estado-Maior Geral Alemão, a 40 quilômetros de Berlim. Poucos alemães conheciam a localização daquele quartel-general, fortemente camuflado e oculto no fundo das florestas fora de Zossen.

Heinrici, com 58 anos, ia assumir o comando do Grupo de Exércitos do Vístula, com ordem para deter



**Quem vai
ficar feliz
quando Você
comprar
o seu
Aero-Willys?**



os russos no Óder e salvar Berlim. Em seus muitos anos de oficial-comandante na frente oriental êle criou um técnica *sui generis* que o tornara famoso. Implicava ela em escapar à ordem inflexível de Hitler de "Agüenta firme". Quando estava iminente um ataque russo em determinado setor, êle fazia recuar na noite anterior suas tropas para novas posições situadas entre um e meio a três quilômetros à retaguarda. As barragens de artilharia russas caíam em linhas desertas. Nas palavras de Heinrici, "era como bater em um saco vazio. O ataque russo perdia a velocidade, e seus homens, ilesos, estavam preparados. Aí, em setores que não haviam sido atacados, minhas tropas reocupavam as primitivas linhas de frente".

O truque estava em saber onde e quando os russos iriam atacar. Heinrici adquirira um extraordinário sexto sentido para isso.

Conflito com Goering

HEINRICI nunca havia sido um dos favoritos de Hitler nem de sua côrte. Filho de um ministro protestante, lia diàriamente uma passagem da Bíblia e insistia em que seus homens fôsem à igreja. Certa vez, quando estava de férias, foi visitado por uma alta autoridade do Partido que o informou de que "o Führer considera suas atividades religiosas incompatíveis com os objetivos do Nacional-Socialismo". Heinrici, que nunca foi membro do Partido Nazista, ouviu impassível. No domingo seguinte,

êle, a espôsa, o filho e a filha foram à igreja como de costume. Daí em diante, a despeito de sua capacidade de comando inegavelmente brilhante, só foi promovido com vagar e relutantemente.

Em fins de 1943, o Reichsmarschall Hermann Goering queixou-se veementemente a Hitler de que, durante a retirada do 4.º Exército da Rússia, Heinrici deixara de executar a política de terra arrasada do Führer. Especificamente, acusou o general de desafiar as ordens "de queimar e inutilizar todo prédio habitável" em Smolensk. Heinrici explicou solenemente que "se tivesse sido incendiada Smolensk, eu não poderia ter retirado minhas fôrças através dela". Houve suficiente lógica militar na resposta para evitar um conselho de guerra.

Alguns meses depois, Hitler colocou Heinrici na lista dos inativos por "saúde precária". Contudo, no fim do verão de 1944, oito meses após sua reforma forçada em uma clínica de repouso, Heinrici recebeu ordem de ir para a Hungria comandar os exércitos que lutavam naquele setor e que se encontravam em séria abertura. E agora corria para Zossen, levando no bôlso a ordem de assumir o comando do Grupo de Exércitos do Vístula.

"A Confusão em que Estamos Metidos"

O GENERAL Heinz Guderian, chefe do Alto Comando do Exército, estava sentado atrás de uma vasta

mesa atulhada de papéis, num gabinete de simplicidade espartana. De estatura mediana, espadaúdo, com cabelo ralo e grisalho, e bigode cheio de falhas, aparentava bem mais idade que os seus 56 anos. Criador das maciças fôrças blindadas de Hitler —o general cujas técnicas blindadas em 1940 levaram à captura da França em sòmente 27 dias, e que quase obtivera sucesso semelhante na Rússia—via-se completamente impotente naqueles dias. Mesmo como chefe do Estado-Maior Geral não tinha praticamente influência alguma sôbre Hitler. Genioso mesmo em melhores ocasiões, últimamente Guderian estava sujeito a violentas explosões de raiva.

—Devo dizer-lhe—disse Guderian a Heinrici—que Hitler não queria dar-lhe êste comando. Eu fui responsável por essa decisão. Disse a Hitler que você era o homem de que precisávamos.

Falou com naturalidade, mas à medida que o assunto esquentava, o tom de sua voz mudava.

—Himmler—disse Guderian bruscamente e com azedume.—Êsse era o maior problema. Livrar-me do homem que você vai substituir: Himmler!

Só recentemente Heinrici soubera da espantosa notícia de que o Reichsführer Heinrich Himmler era o comandante do Grupo de Exércitos do Vístula. Êle conhecia Himmler como Ministro do Interior, chefe da Gestapo e das SS—talvez o homem mais poderoso da Alemanha depois

do Führer. Mas a despeito de ser comandante do Exército de Instrução, Himmler não havia tido experiência de comando de tropas em campanha.

Quando a frente polonesa começara a ceder diante do maremoto do Exército Vermelho, em meados de janeiro, Guderian desesperadamente insistira na formação de um conjunto de exércitos na região norte a fim de guarnecer uma posição principal de resistência entre o Óder e o Vístula. Se esta se agüentasse, evitaria, que a enxurrada russa acometesse diretamente o próprio coração da Alemanha.

—Mas—rugiu Guderian—quem conseguimos para comandar o grupo? Hitler nomeou Himmler! Não faltava mais nada!

Guderian argumentara contra a “pavorosa e absurda nomeação”, mas Hitler mantivera-se inflexível.

Sob o comando de Himmler a frente entrara em colapso quase total. O Exército Vermelho atravessara o Vístula; a seguir, parte de suas fôrças rumara para o norte, para o Báltico, isolando umas 20 a 25 divisões sòmente na Prússia Oriental. Os demais exércitos soviéticos espalharam-se pelos rios Óder e Neisse. Por tôda a parte, ao longo da frente oriental, a linha alemã fôra esmagada. Mas nenhum outro setor cedera tão prontamente como o de Himmler. O fracasso dêle abriu as portas e colocara Berlim em situação crítica.

Havia apenas 48 horas que Guderian fôra de carro até ao Q.G. do

Grupo de Exércitos do Vístula, em Birkenhain, 80 quilômetros ao norte de Berlim. Informado de que Himmler estava doente, afinal localizara o comandante das SS a uns 30 quilômetros de distância, “acabrunhado, num sanatório, por causa de um simples resfriado”. Guderian manifestara seu pesar e lembrou que talvez o Reichsführer estivesse trabalhando demais e deveria abandonar algum dos seus muitos encargos—por exemplo, o de chefe do Grupo de Exércitos do Vístula.

Himmler apegou-se à resposta.

—Mas—perguntou—como poderia sugerir isso ao Führer?

Guderian apressou-se a dizer que, estando autorizado, *êle* fazia a sugestão. Naquela noite “Hitler dispensou o sobrecarregado Reichsführer, mas só depois de muitas reclamações e com evidente relutância”.

Com a voz entrecortada de raiva, Guderian disse para Heinrici:

—A confusão em que estamos metidos é fantástica. A maneira como a guerra está sendo conduzida é inacreditável. Inacreditável!

Durante meses Guderian procurara fazer Hitler entender que eram necessárias “medidas drásticas”. Insistira em retiradas estratégicas dos países bálticos e dos Balcãs; um encurtamento das linhas em toda a parte—sendo as divisões assim liberadas mandadas depressa para a frente russa. Os russos tinham o dobro de divisões dos aliados ocidentais; sem embargo, a maioria das divisões alemãs, e as melhores, faziam frente

a Eisenhower. Mas Hitler recusou-se a acreditar nos fatos e nos números postos diante de seus olhos.

Então Guderian declarou:

—Provavelmente Hitler cometeu o seu maior erro.

Em dezembro de 1944 *êle* desencadeou sua ofensiva maciça, a última cartada, através das florestas das Ardenas, na Bélgica, e na parte setentrional do Luxemburgo, contra os aliados ocidentais. O ataque, Hitler vangloriava-se, mudaria o curso total da guerra. *Êle* lançou, contra o centro das linhas aliadas, três exércitos completamente equipados—20 divisões. Apanhados de surpresa, os Aliados cambalearam e recuaram. Em seguida, porém, recobrando-se, em cinco semanas apenas empurraram os destroçados exércitos de Hitler de volta para a fronteira da Alemanha.

—Quando se tornou claro que a ofensiva fracassara—disse Guderian—pedi a Hitler que tirasse as nossas tropas das Ardenas e as colocasse na frente oriental. Não adiantou.

Guderian fez uma pausa e, com esforço, acalmou-se. Depois falou:

—Os russos estão sobre nós. Detiveram sua ofensiva para se reorganizarem e reagruparem. Calculamos que você terá três a quatro semanas para preparar-se. Não importa o que aconteça em outras partes, os russos têm de ser detidos no Óder para que possamos sobreviver. É a nossa única esperança.

Usando mapas, Guderian mostrou a Heinrici a situação toda. Então,

consultando o relógio de pulso, disse irritado:

—Tenho de voltar para Berlim para a conferência das três com o Führer. Assim, é impossível trabalhar—vociferou.

Só de pensar nisso teve outro ataque de raiva.

—Duas vezes por dia fico em pé durante horas ouvindo a côrte de Hitler dizer sandices: discutindo nada! Passo todo o meu tempo na estrada ou em Berlim ouvindo besteiras!

Ultra-Segredos Revelados

NA ANTE-SALA, o ajudante de Heinrici, Capitão Heinrich Von Bila, de 36 anos, estivera cronometrando a reunião pela diminuição da pilha de mapas e cartas que iam sendo levados para o gabinete de Guderian. Quando só restavam dois mapas, êle olhou descuidadamente para o de cima. Mostrava o conjunto da Alemanha, e as linhas nêle traçadas pareciam estranhas. Von Bila olhou mais de perto. O mapa *era* diferente—as inscrições eram em inglês. Com efeito, êle estava olhando um mapa aliado ultra-secreto que indicava como os Aliados se propunham a ocupar e a repartir a Alemanha!

O original do mapa e dos documentos de que êle era um anexo achavam-se em um cofre no quartel-general do General Jodl. Tinham sido capturados dos britânicos em fins de janeiro, nos derradeiros dias da ofensiva das Ardenas. De todos os segredos que haviam caído nas mãos

do Serviço de Informação Alemão durante a guerra, êsse era o mais brutalmente revelador. O Führer, depois de passar uma noite inteira estudando a pasta encadernada em vermelho, classificou os papéis como “Ultra-Segrêdo de Estado”.

O dossiê continha um estudo de 70 páginas e era acompanhado de uma carta assinada pelo Major-General Sir Francis de Guingand, chefe do estado-maior de Montgomery. Na capa estava o arrepiante título: “Operação Eclipse”. Presos na parte interna da capa de trás havia dois mapas, que podiam ser tirados para consultar, de uns 50 por 45 centímetros cada um. Nêles estavam traçadas grossas linhas de limites. A área norte e noroeste trazia as iniciais G. B. em letras de 2,5 cm de altura; a zona sul, E.U.A.; e o restante do Reich estava com a etiquêta U.R.S.S. Berlim estava bem dentro da zona soviética, porém repartida entre os Três Grandes.

A pasta Eclipse aniquilou uma das últimas esperanças da Alemanha. Desde o momento em que o Exército Vermelho transpôs as fronteiras do Reich, Hitler e seus conselheiros haviam esperado que a Aliança Atlântica começasse a desagregar-se. O Ocidente, acreditavam, por certo nunca deixaria a Rússia Soviética dominar a Europa Central. Mas, à medida que estudavam a Operação Eclipse, tornava-se cada vez mais clara que a aliança continuava intacta—e o comunicado oficial de Ialta confirmou o fato.

Mais esmagadora ainda era a ênfase dada no dossiê à rendição incondicional: era mencionada repetidas vezes. Os alemães tinham tido certeza de que “rendição incondicional” era propaganda para uso interno na frente aliada. Agora tinham informações melhores. As intenções dos Aliados não deixavam esperança nem futuro para a Alemanha. Para Jodl, isso significava que à Alemanha só restava lutar até ao triste fim.

Olhando a Bola de Cristal

UM DOS grandes mitos que se formaram depois do fim da Segunda Guerra Mundial é o de que o Presidente Franklin D. Roosevelt fôra o responsável pelas zonas de ocupação. A verdade é que o plano foi totalmente inglês.

Às três da tarde de 19 de novembro de 1943, o Presidente Roosevelt estava em uma sala de reuniões a bordo do encouraçado U.S.S. *Iowa*, a caminho do Oriente Médio, para conferenciar com os outros chefes aliados no Cairo e em Teerã. Ladeado por auxiliares e conselheiros, entre eles o chefe do Estado-Maior das Forças Armadas dos Estados Unidos, Roosevelt mostrava claramente que estava aborrecido. Os documentos e mapas colocados diante dele eram as partes essenciais de um plano chamado Operação Rankin, Caso C—um dos muitos estudos elaborados a propósito da próxima Operação Overlord, a invasão em grande escala da Europa. Rankin C considerava as medidas a serem tomadas se hou-

vesse um súbito colapso ou capitulação do inimigo. O plano sugeria que o Reich e Berlim fôssem divididos em setores, cada um deles ocupado por um dos Três Grandes. O que contrariava o Presidente era a área escolhida para seu país.

Rankin C fôra criada sob condições estranhas e decepcionantes. A árdua missão de tentar planejar antecipadamente para o ainda não designado Supremo Comandante Aliado na Europa—planejar tanto para a ofensiva através da Mancha como para a possibilidade de um súbito colapso alemão—fôra confiada ao General Frederick E. Morgan, da Grã-Bretanha. Seu primeiro esboço do projeto de ocupação da Alemanha só foi preparado, explicou êle depois, “após um bocado de tempo olhando para uma bola de cristal”. Mas êsse esboço também refletia as recomendações de um grupo de trabalho ministerial chefiado pelo Vice-Primeiro-Ministro Clement Attlee: uma divisão tríplice, com a Grã-Bretanha ocupando as regiões do noroeste, ricas em comércio e indústria.

Em um mapa, Morgan dividiu matematicamente a Alemanha em terços, “seguindo de leve com lápis azul as fronteiras das províncias”. Era evidente que os russos, vindos de leste, deviam ocupar um setor oriental. Quanto às zonas britânica e norte-americana, sua relação norte-sul parece ter sido predeterminada por um fator: desde o princípio, as tropas norte-americanas ti-

nham estado acantonadas nas regiões sul e sudoeste da Inglaterra; as britânicas, nas regiões norte e sueste. Assim, a concentração de tropas, suas bases e depósitos, seus suprimentos e comunicações eram separados—os americanos sempre à direita, os britânicos à esquerda. Como Morgan previa a Overlord, êsse esquema deveria prosseguir através da Mancha até às praias de invasão da Normandia—e, presumivelmente, através da Europa até ao coração da Alemanha. Destarte, os norte-americanos acabariam ocupando as províncias meridionais da Alemanha.

—Não creio—disse Morgan mais tarde—que alguém na época pudessem ter percebido em sua totalidade as últimas conseqüências da decisão da partilha, que, com tôda a probabilidade, foi tomada por algum oficial de menor categoria no Ministério da Guerra. Mas daí decorreu tudo mais.

A bordo do *Iowa*, o Presidente dos Estados Unidos compreendeu as conseqüências.

—Não gosto dessa arrumação—declarou.

Êle queria a parte noroeste da Alemanha. Queria acesso aos portos de Bremen e Hamburgo. E mostrou-se firme a respeito de outra coisa: a zona norte-americana devia estender-se através de tôda a parte norte da Alemanha até Stettin, no Óder.

—Os Estados Unidos devem ficar com Berlim—disse Roosevelt.—Os soviéticos podem ficar com o território a leste.

As sugestões do Presidente sobressaltaram seus conselheiros militares. O Estado-Maior das Fôrças Armadas do E.U.A., crendo que tôdas as questões em debate estavam resolvidas, três meses antes aprovara o plano em princípio. Agora o Presidente desafiava a própria base da Operação Overlord. Pois, para serem trocadas as projetadas zonas de ocupação, teria de ser efetuada uma troca de tropas na Inglaterra *antes* da invasão. Isso atrasaria—e poderia, portanto, prejudicar—a ofensiva através da Mancha. Os conselheiros militares do Presidente procuraram fazê-lo ver os imensos movimentos logísticos e a gravidade dos problemas que uma modificação suscitaria. Na opinião dêles, o custo era proibitivo. Mas Roosevelt manteve-se inflexível.

Finalmente, puxou para si um mapa da Alemanha da *National Geographic* que estava sôbre a mesa. Nêle traçou uma linha na fronteira oeste da Alemanha até Düsseldorf e depois no sul ao longo do Reno até Maiença. A partir dali, com um só traço, cortou a Alemanha pelo meio ao longo do paralelo 50.º até Asch a leste, na fronteira tchecoslovaca. A seguir o lápis moveu-se para nordeste até Stettin, no Óder. Os norte-americanos deveriam ficar com a área acima da linha, os britânicos com o setor abaixo dela. O triângulo estreito deixado a leste, com seu ápice em Leipzig, era evidentemente destinado à zona soviética. Êle continha menos da metade

*-Você pode
confiar nos
produtos*

ANUNCIADOS EM

Seleções

do Reader's Digest

ANUNCIADOS EM

Seleções

do Reader's Digest

ANUNCIADOS EM

Seleções

do Reader's Digest

da área atribuída à Rússia na proposta Rankin C. Berlim ficava na linha divisória entre as zonas soviética e norte-americana. O mapa mostrava sem sombra de dúvida o que o Presidente Roosevelt tinha em mira—acima de tudo, que êle estava decidido a ficar com Berlim.

A Iniciativa Perdida

ASSIM FOI oferecido o primeiro plano concreto dos Estados Unidos relativo à Alemanha. Só houve uma falha. Roosevelt, amiúde criticado por agir como seu próprio Ministro do Exterior, não falou a ninguém, a não ser aos seus chefes militares, a respeito de seus pontos de vista. Após a conferência a bordo do *Iowa*, o General George C. Marshall, chefe do Estado-Maior do Exército dos Estados Unidos, deu o mapa de Roosevelt—a única prova tangível do pensamento oficial acêrca da ocupação da Alemanha—ao General-de-Divisão Thomas T. Handy, chefe da ultra-secreta Divisão de Operações do Departamento da Guerra. O mapa foi arquivado devidamente. Mais tarde recordou Handy:

—Que eu saiba, nunca recebemos ordem de mandá-lo a ninguém no Departamento de Estado.

Êsse foi apenas um de uma série de descuidos e erros de apreciação, caros e estranhos, que ocorreram entre autoridades americanas nos dias subseqüentes à reunião do *Iowa*. Iriam ter uma profunda influência no futuro da Alemanha e de Berlim.

A 29 de novembro, Roosevelt, Churchill e Stalin reuniram-se pela primeira vez na Conferência de Teerã. Nomearam os representantes que participariam em Londres da importantíssima Comissão Consultiva Européia—o organismo encarregado de esboçar os termos de rendição da Alemanha, definir as zonas de ocupação e formular planos para a administração aliada do país. Roosevelt designou John G. Winant, seu enviado junto à Côrte de St. James. Mas Winant nunca foi especificamente esclarecido quanto ao seu novo encargo.

Enquanto isso, os chefes militares norte-americanos, malgrado seus protestos de não quererem deixar-se envolver em política, foram, de fato, encarregados de decidir quanto à política norte-americana na Europa do pós-guerra. Para êles, a rendição, a divisão em zonas e a ocupação da Alemanha eram assuntos estritamente militares: as zonas de ocupação seriam determinadas mais ou menos pela posição final das tropas ao ser assinada a rendição. Inevitavelmente, êles entraram em desacôrdo com o Departamento de Estado. Numa tentativa de coordenar as opiniões em conflito, foi criado um grupo de trabalho especial sôbre Segurança com representantes dos Departamentos de Estado, da Guerra e da Marinha. O resultado foi um verdadeiro cabo-de-guerra no decurso do qual os funcionários da Divisão de Assuntos Civis do Departamento da Guerra exerceram um efetivo direito de

PAPAI NOEL AGORA?



Sim, e bem a propósito para os previdentes

REVENDEDORES DE ENFEITES DE NATAL

- bolas e enfeites de vidro
- árvores: alumínio, nylon, visca
- festões, lamês
- imagens e artigos para presépio
- adornos e painéis de Isopor
- enfeites para festas e pedrarias para bordar

GRÁTIS - catálogo ricamente ilustrado a cores

PALÁCIO DOS ENFEITES

O maior sortimento do Brasil

Rua do Gasômetro, 777-1.º and.
Rua 25 de Março, 771 - S/ loja

Cx. Postal 30.772 - São Paulo

Depto. Vendas:

Peço enviar-me catálogo grátis sôbre enfeites de Natal.

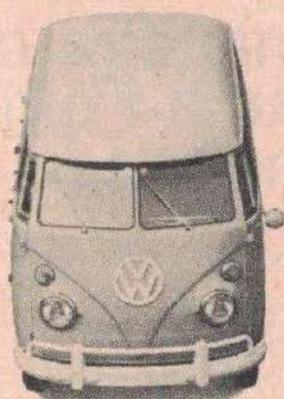
Firma:

Rua: n.º

Cidade, Est.



Sabe por que existem tantas frotas de Kombi?



**Porque a Kombi Volkswagen faz 10,5 km com 1 litro de gasolina.
Usa 2,5 litros de óleo, com trocas aos 2.500 km.
Seu compartimento de carga mede 4,83 m³.
Tem duas grandes portas laterais e mais uma porta traseira.
Sua suspensão é por barras de torção em vez de molas.
Já vem da fábrica com teto de aço.
O motor é refrigerado a ar. Nunca ferve.**



veto. Tôdas as esperanças de alcançar uma política americana coerente e unificada sôbre o assunto foram inevitavelmente perdidas. As discussões continuaram durante todo o mês de dezembro de 1943. Enquanto isso, Winant ficou parado em Londres sem quaisquer instruções.

Então, em 14 de janeiro de 1944, o General Dwight D. Eisenhower, recém-nomeado Supremo Comandante, chegou a Londres para assumir o pôsto, e tôda a maquinaria do planejamento militar foi transferida para sua autoridade. Mas havia um plano que mesmo êle, nessa data tão tardia, pouco poderia influenciar. Em 15 de janeiro, o plano Rankin C foi oficialmente apresentado a Winant e ao enviado russo, Embaixador Fedor Gusev, por Sir William Strang, Subsecretário britânico para Assuntos Estrangeiros. Os Estados Unidos, devido ao impasse em Washington, tinham perdido a iniciativa. Nunca mais iriam recobrá-la.

Em 18 de fevereiro, na segunda reunião oficial da Comissão Consultiva Européia, no que seguramente foi um recorde para uma decisão diplomática soviética, Gusev—negociador astuto, conhecido por sua obstinação—solenemente aceitou as propostas britânicas sem qualquer espécie de objeção. Ao mesmo tempo, apresentou uma minuta soviética das condições de rendição para a Alemanha. Um capítulo tratava das zonas de ocupação: era o plano britânico *in toto*. Por êle os soviéticos deveriam ficar com quase 40% da

área da Alemanha, 36% da sua população e 33% de seus recursos produtivos.

—A divisão proposta pareceu tão justa como outra qualquer—recordou posteriormente Strang.—E se porventura errasse um pouco em generosidade para com os soviéticos, isso estaria dentro do desejo de nossas autoridades militares, que se preocupavam com a possível escassez de potencial humano no pós-guerra, não querendo por isso ficar com uma área de ocupação maior do que o necessário.

Houve muitas outras razões. Uma foi o receio de que a Rússia pudesse fazer paz em separado com a Alemanha. Outra, que dizia respeito particularmente aos militares norte-americanos, foi o temor de que a Rússia não aderisse à guerra contra o Japão.

A pronta aceitação do plano britânico pelos soviéticos apanhou Washington e o Presidente Roosevelt desprevenidos.

—Qual é a zona que estamos propondo?—perguntou o Presidente.—Tenho de saber isso para ver se está conforme com o que decidi meses atrás.

Os funcionários do Departamento de Estado ficaram perplexos: êles não sabiam que decisões tinham sido tomadas por Roosevelt.

Houve um corre-corre de chamados, e então Roosevelt reagiu. “Discordo da proposta britânica de limites”, declarou peremptoriamente em um memorando oficial ao De-

partamento de Estado. Êle fêz novamente restrição decidida ao setor proposto para os Estados Unidos, repetindo ainda mais vigorosamente o que dissera a seus conselheiros militares a bordo do *Iowa*. O memorando do Presidente foi uma revelação para o Departamento de Estado.

Roosevelt manteve sua recusa de aceitar o projeto britânico. Depois, em fins de março de 1944, sob a pressão dos acontecimentos e a necessidade de uma decisão, Roosevelt disse, após examinar uma vez mais a proposta britânica: "Levando-se em conta, esta é provavelmente uma decisão justa."

Aprovou a zona soviética e o plano global, mas com uma condição: os Estados Unidos deviam ficar com o setor noroeste.

Antes de apresentar sua posição perante a Comissão Consultiva Européia, o Embaixador Winant desejava que fôsse esclarecido um assunto. Tanto os britânicos como Gusev, da Rússia, não antecipavam qualquer problema com respeito ao acesso das potências ocidentais a Berlim. Contudo, o Departamento de Estado, a fim de garantir um acesso direto, havia proposto um plano que criava um corredor ligando Berlim às zonas ocidentais. Outrossim, Winant achava que era de importância capital estabelecer garantias de tráfego ferroviário, rodoviário e aéreo no corredor. Mas a Divisão de Assuntos Civis do Departamento da Guerra recusou terminantemente essas

propostas, dizendo que a questão de acesso era "afinal de contas assunto estritamente militar", que estaria em mãos dos oficiais-comandantes.

No decurso dos momentosos meses de 1944, enquanto as tropas anglo-americanas invadiam o continente e avançavam para o Reich, Roosevelt apegou-se firmemente às suas exigências. Churchill, igualmente tenaz, recusou-se a ceder em sua posição. A decisão final só foi tomada na reunião Roosevelt-Churchill em Quebec, em setembro de 1944.

Mas nessa altura Roosevelt havia mudado visivelmente. Geralmente cheio de vida, agora parecia frágil e abatido, e a paralisia conseqüente da poliomielite era evidente na penosa hesitação de cada um de seus movimentos. No cargo desde 1933, agora mesmo êle se candidatava a um quarto período. A campanha, a diplomacia, a tensão dos pesados encargos dos anos de guerra, estavam fazendo sentir seus efeitos rapidamente.

Cansado, frustrado, colhido pelas circunstâncias e sob a pressão de seus conselheiros e de Churchill, o Presidente finalmente acedeu e aceitou a zona ao sul. Os britânicos transigiram em parte: concordaram em dar aos Estados Unidos o controle dos grandes portos e das zonas de estacionamento de Bremen e Bremerhaven.

Na crucial Conferência de Ialta, em fevereiro de 1945, foram tomadas as últimas grandes decisões de tempo de guerra dos Três Grandes.

O Reichsführer, tomando Heinrich pelo braço, levou-o até ao sofá do outro lado da sala, fora do alcance do ouvido do estenógrafo SS. Então, em voz calma, largou uma bomba.

—Por intermédio de um país neutro—confidenciou—eu tomei providências para negociar uma paz com o Ocidente.—Fêz uma pausa.—Conto-lhe isto em carácter absolutamente confidencial, compreende?

Isso seria uma traição. Estaria Himmler dizendo a verdade, ou seria um ardil para arrancar de Heinrich uma indiscrição? O ambicioso Himmler era capaz de qualquer coisa—até de traição—para conseguir poder para si mesmo.

Mais tarde nessa noite, Heinrich telefonou para seu ex-chefe de estado-maior na Silésia. Decidira não mencionar as revelações de Himmler. Ao colega êle disse somente:

—Himmler saiu daqui o mais depressa que pôde. Não queria estar à testa quando o colapso chegasse. Não. Êle queria um simples general para isso, e eu sou o bode expiatório.

Pomposo Desfile

APÓS MESES de discussão entre chefes militares britânicos e norte-americanos, parecia ter-se chegado a um acôrdo quanto à estratégia aliada. Os planos do General Eisenhower, aprovados pelo Estado-Maior Misto em janeiro de 1945, mandavam que o 21.º Grupo de Exércitos do Marechal-de-Campo Sir Bernard Law Montgomery fizesse o esforço prin-

cipal através do Reno e ao norte do Ruhr. Tendo recebido prioridade máxima e reforços especiais para a ofensiva, o comando de Montgomery totalizava quase um milhão de homens em umas 35 divisões e unidades agregadas, incluindo o 9.º Exército Americano. Ao sul, fôrças norte-americanas deviam transpor o rio e dirigir-se para a área de Francforte—uma progressão suplementar que poderia converter-se na linha principal se a ofensiva de Montgomery titubeasse.

Na sexta-feira, 23 de março, o Primeiro-Ministro Churchill viajou até à Alemanha para assistir com o General Eisenhower à fase inicial do assalto pelo rio. De pé na margem do Reno, observando o desdobramento da monumental ofensiva, Churchill disse a Eisenhower:

—Meu caro general, o alemão está batido. Liquidamos com êle. Está acabado.

Entrementes, unidades do 3.º Exército Americano do General George S. Patton haviam roubado os louros de Montgomery ao atravessarem rapidamente o Reno na noite anterior. Rumavam agora para Francforte. A resistência inimiga mostrou-se surpreendentemente fraca ao longo de tôda a frente quando as fôrças americanas e britânicas irromperam no coração da Alemanha. Cinco dias depois, Montgomery progredia celeremente para o Elba, e o caminho para Berlim parecia aberto de par em par. Politicamente, estava aberto também. Não houvera ne-

momento, pareceu assustado, depois entregou-lhe o telefone:

—O senhor é o nôvo comandante —disse.—É melhor atender o telefonema.

Heinrici ficou gelado ao escutar. Seu nôvo comando já fôra atingido por um desastre. O Exército Vermelho havia localizado uma mudança de unidades germânicas, que estavam tomando posição para um ataque ao sul de Küstrin—uma ofensiva arriscada determinada por Hitler, contra as objeções de Guderian. Atacando do norte e do sul, os russos haviam fechado uma pinça, isolando os defensores de Küstrin na margem leste do Óder e consolidando na margem oeste dois pontos de apoio convertidos assim em importante cabeça-de-ponte para seu ataque contra Berlim.

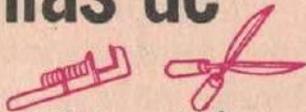
Cobrando o fone com a mão, Heinrici, desolado, deu a notícia a Himmler. O Reichsführer pareceu nervoso e encolheu os ombros.

—Bem—disse—o senhor é o comandante do Grupo de Exércitos do Vístula.

Heinrici imediatamente autorizou um contra-ataque e prometeu ir à frente tão logo lhe fôsse possível. Ao recolocar o receptor no gancho, Himmler retomou sua lengalenga como se nada tivesse sucedido. Mas Heinrici, agora completamente exasperado, interrompeu-o para pedir-lhe sua opinião ponderada acêrca da situação global da Alemanha—um assunto “visivelmente desagradável” para Himmler.

Com o seu gôsto pela
cozinha 

e pela decoração, 

com as ‘manias’ de
seu marido  (mecânica e jardinagem)

e com as crianças em
constante ‘atividade’...

a Sra. não acha 

que é melhor ter

sempre em casa 

um bom estoque de

Curativos BAND-AID*?

Exija a
caixa de 30
— é mais
econômica!



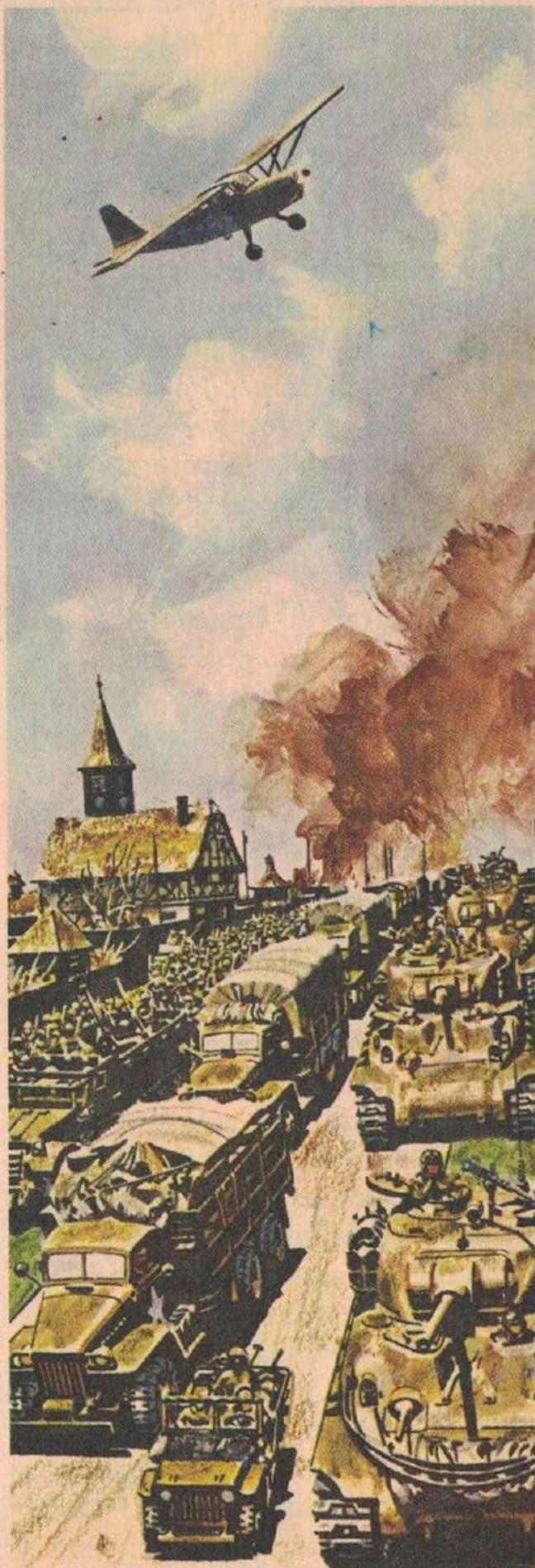
Curativo que já vem pronto com poderosos antissépticos. É flexível, perfeita aderência, quase invisível.

nhuma discussão dos Três Grandes sobre quem tomaria a cidade. Berlim era um alvo aberto, esperando ser capturado pelo exército aliado que lá chegasse primeiro.

VISTAS de 240 metros de altura, as colunas de soldados, carros de combate e viaturas pareciam intermináveis. Observando-as de seu Piper Cub, o avião de observação desarmado chamado *Miss Me*, o Tenente Duane Francies ficou fascinado. Desde que o último dos exércitos transpusera o Reno, Francies vinha observando o desenvolvimento de ruptura; agora, em 28 de março, o grande rio estava bem para trás, e por toda a parte—lá para a direita e para a esquerda e estendendo-se para a frente até aonde a vista alcançava—havia um vasto panorama cáqui.

Francies baixou e balançou as asas do avião, viu os soldados acenando em resposta, e, a seguir, voou para leste a fim de assumir sua missão de servir de “olhos” às colunas de vanguarda dos carros de combate da 5.^a Divisão Blindada. A vitória estava próxima, ele tinha a certeza disso. Nada poderia deter esse avanço. Parecia, àquele piloto de 24 anos de idade, que “a própria crosta da terra se desprendera e se precipitava para o Elba”, a última barreira aquática de importância antes de Berlim.

Havia já dias que, da Holanda para o sul até quase à fronteira suíça, uma torrente com 550 quilômetros de largura, de homens, suprimentos



e máquinas, avançava para leste entrando nas planícies alemãs. A última grande ofensiva estava em marcha. Havia três grandes grupos de exércitos: ao norte, o 21.º Grupo de Exércitos do Marechal-de-Campo Montgomery; a seguir, o 12.º Grupo de Exércitos sob as ordens do General Omar N. Bradley; ao sul, o 6.º Grupo de Exércitos do General Jacob Devers. Êstes compreendiam sete poderosos exércitos—85 imensas divisões, cinco delas aeroterrestres e 23 blindadas, o grosso da formidável Fôrça Aliada Ocidental de 4 600 000 homens.

Ao penetrarem como formigueiros no Reich para o golpe de morte, apareciam penduradas por tôda a parte bandeiras de rendição improvisadas—toalhas, lençóis, farrapos de papel branco. Nas cidades e vilas, alemães aturdidos contemplavam de portas e janelas arrebetadas o enorme poderio que se esparramava em tôrno dêles. Socando todos os caminhos, havia comboios de carros de combate, canhões autopropulsados, artilharia pesada, carros blindados, autometralhadoras, transportes de munição, ambulâncias, carros-tanques, gigantescos caminhões diesel puxando reboques carregados com seções de pontes, de pontões, *bulldozers* blindados e até lanchas de desembarque. E, vaga após vaga, entupindo tôdas as estradas, vinham os soldados—em caminhões ou de carona, em cima de viaturas ao lado das colunas motorizadas, ou caminhando pelos campos adjacentes.

Era um desfile vigoroso e imponente, e no meio dos soldados havia bandeiras e flâmulas de combate que tinham feito história. Havia guardas que tinham combatido na retaguarda que garantiu a evacuação de Dunquerque; comandos barbudos com desbotadas boinas verdes, veteranos do Regimento de Lorde Lovat que efetuara incursões no litoral da Europa ocupada durante os anos mais sombrios da guerra; duros canadenses da famosa 2.ª Divisão que desembarcara em Dieppe no sangrento ensaio preparatório da invasão da Normandia. Nas colunas blindadas, com as flâmulas drapejando, havia alguns dos “Ratos do Deserto” da 7.ª Divisão Blindada, que tinham ajudado a obrigar Rommel a depor as armas nas areias da Líbia.

Uma unidade, a celebrada 83.ª Divisão de Infantaria, fôra recentemente apelidada o “Circo da Ralé”. O seu engenhoso comandante, o General-de-Divisão Robert C. Macon, dera ordens para suplementar os transportes da divisão com tudo o que se movesse e sem fazer perguntas. Agora ela se deslocava sôbre um sortimento estrambótico de viaturas alemãs, repintadas às pressas, jipes, carros de comando, motocicletas e ônibus da Wehrmacht. Lá na frente, com infantes pendurados por todos os cantos, havia um de dois carros de bombeiros. No pára-choque de trás dêle, uma bandeira pendente dizia: “Próxima Parada—Berlim.”

A decisão de Hitler de lutar a oeste do Reno, em vez de retrain

suas castigadas fôrças para posições preparadas na margem leste, custara aos alemães o equivalente a 20 divisões completas. Quase 300 000 homens haviam sido aprisionados, e 60 000 mortos ou feridos. Havia agora, escassamente, 26 divisões completas sobrando no Ocidente, e estas estavam desorganizadas, desprovidas de munições e comunicações, com escassez enorme de combustível e transportes.

Atacar e Prosseguir

A OFENSIVA do Reno mal completara uma semana, e os Aliados que rumavam para leste já se aproximavam do último baluarte alemão: Vale do Ruhr, o cerne industrial da Alemanha, fortemente defendido.

No plano global para derrotar a Alemanha, a travessia do Reno e a captura do Ruhr sempre haviam sido considerados objetivos indispensáveis e monumentais. A bacia do Ruhr, com suas minas de carvão, refinarias de petróleo, usinas siderúrgicas e fábricas de armamento, formava uma bolsa de uns 115 quilômetros de extensão por 90 de largura: mais de 10 500 quilômetros quadrados. A idéia inicial era de que sua conquista poderia levar meses. Mas isso fôra antes da derrocada alemã no Reno. Agora a manobra de pinças estava sendo executada num ritmo tão veloz que os comandantes de divisões falavam em concluir o envolvimento em questão de dias. Eles pegariam num laço uma fôrça alemã não

inferior a 21 divisões—mais homens e equipamento do que os russos haviam capturado em Estalingrado. Uma vez tapado o Ruhr, restaria pouco à Alemanha com que obstar ao avanço aliado.

Já então o inimigo estava tão despedaçado que havia muito pouca luta. Em pouco menos de três dias a 2.^a Divisão Blindada Americana disparara por mais de 80 quilômetros ao longo da orla norte do Ruhr, tendo o Tenente-Coronel Wheeler G. Merriam à testa com seu 82.^o Grupo de Reconhecimento. Em 28 de março, Merriam parou para informar sôbre sua posição, com seus carros de combate dispersados de ambos os lados de uma importante linha férrea que corria de leste para oeste. Quando seu radioperador procurava chamar o quartel-general, Merriam ouviu um apito de locomotiva a vapor. Repentinamente, um trem alemão, cheio de soldados e levando vagões-pranchas com viaturas blindadas e canhões, surgiu na linha correndo para leste, e passou por entre as suas subunidades. Alemães e americanos entreolharam-se estupefatos. Nenhum dos lados deu um único tiro.

Afinal, Merriam pegou no radiotelefone. Dentro de minutos o 92.^o Grupo de Artilharia de Campanha, em posição bem para oeste, mandou uma salva que cortou o trem ao meio. Soldados do trem capturados declararam que julgavam estar o inimigo ainda a oeste do Reno.

Em muitos casos as unidades avan-

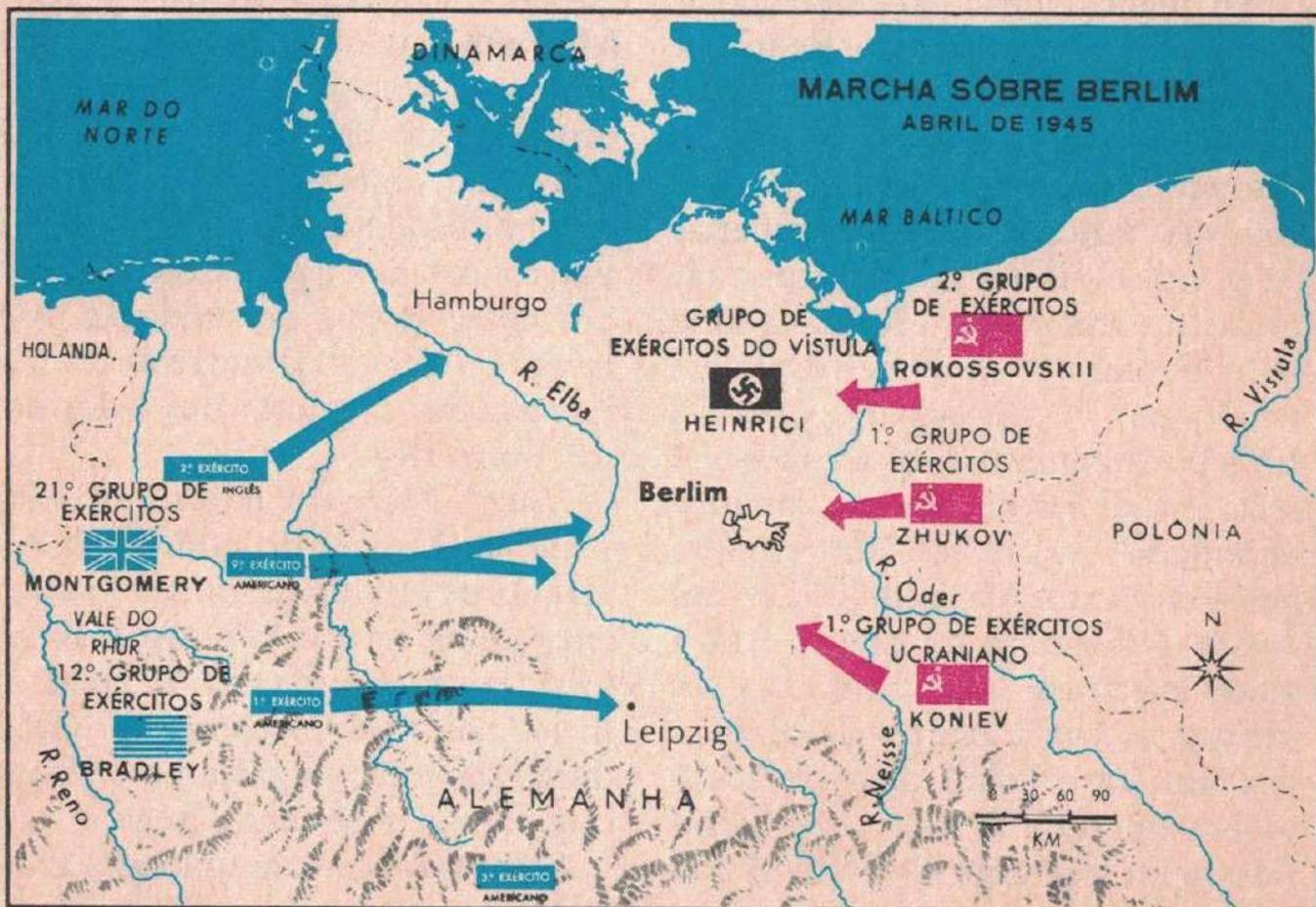
çadas dos Aliados já se estavam vendo fora dos mapas que traziam. Os espertos exploradores do 82.º Grupo de Reconhecimento estavam usando mapas de fuga de sêda, do tamanho de lenços, fornecidos havia algum tempo pela Fôrça Aérea Norte-Americana a todos os pilotos de combate. Êles confirmavam sua posição simplesmente fazendo cotejo com os postes indicadores alemães. O Tenente Arthur D. Hadley, adido à 2.ª Divisão Blindada, usava mapas de um antigo guia turístico Baedeker.

“Ninguém come nem dorme”, escreveu o Tenente Gerald P. Liebman, da 5.ª Divisão Blindada. “A única coisa que fazemos é atacar e prosseguir, atacar e prosseguir.” Muitos estavam eufóricos, pois ti-

nam-lhes dito que essa seria a última grande investida, e que o objetivo final era Berlim.

Ataque de Surprêsa

A INCURSÃO aérea de quarta-feira, 28 de março, tomou os defensores de Berlim completamente de surpresa. Pouco antes das 11 da manhã apareceram os primeiros aviões—vindos do Leste! As baterias em toda a cidade entraram às pressas em ação e as sireias puseram-se a uivar. Êsses aviões não eram americanos: as incursões americanas geralmente se davam às nove da manhã e novamente ao meio-dia, e vinham do Oeste. Voando ao nível das copas das árvores, dezenas de caças russos descarregavam suas armas contra as ruas



Um berlinense estava de fato apreciando cada minuto do ataque. Usando um velho capacete do Exército, o jovem Rudolf Reschke corria de um lado para outro entre a porta de sua casa em Dahlem e o meio da rua, acenando provocativamente para os aviões em vôo rasante. Um avião desceu especialmente sôbre êle. Quando Rudolf correu, uma rajada de fogo bateu na calçada por trás dêle. Para Rudolf foi só parte da brincadeira. A guerra era a maior coisa que já acontecera em seus 14 anos de vida.

Vaga após vaga de aviões atacou a cidade. As perdas foram pesadas. Muitos civis foram atingidos não por balas inimigas, mas pelas do fogo da defesa. Para atingirem os aviões russos em vôo baixo em seus visores, as guarnições das peças antiaéreas tinham de abaixar os canos das armas quase que ao nível da copa das árvores, espalhando assim pela cidade o *shrapnel* incandescente.

Em 20 minutos o ataque aéreo acabara. Aqui e ali, por tôda Berlim, subiam espirais de fumaça negra dos incêndios provocados pelas balas incendiárias. Tão depressa quanto se haviam esvaziado, as ruas de Berlim encheram-se de nôvo. Fora dos mercados e das lojas, os que tinham abandonado as filas, agora zangados, procuravam reconquistar os lugares anteriores.

Aguardando o "Siga"

Ao LONGO de tôda a frente oriental os grandes exércitos russos con-

centravam-se para a ofensiva. Os comandantes soviéticos ardiam de impaciência pela demora. O Óder era uma barreira formidável e o degêlo da primavera estava atrasado; o rio ainda se achava parcialmente coberto de gêlo. Além dêle estavam as defesas alemãs—casamatas, campos de minas, fossos anticarro e posições de artilharia enterradas. Dia a dia os alemães se iam fortalecendo.

Ninguém estava mais ansioso para partir do que o Coronel-General Vassili Chuikov, de 45 anos, comandante do excelente 8.º Exército da Guarda e célebre defensor de Estalingrado. Chuikov culpava os aliados ocidentais pela interrupção. Após o ataque alemão nas Ardenas, êles haviam pedido a Stalin para aliviar a pressão acelerando o avanço do Exército Vermelho procedente do Leste. Stalin concordara e lançara a ofensiva na Polônia mais cedo do que o planejado. Tão rápido foi o avanço soviético que, quando os exércitos alcançaram o Óder, tinham ficado sem suprimentos e sem comunicações. Se não fôsse isso, acreditava Chuikov, "poderíamos ter arremetido sôbre a própria Berlim em fevereiro". Agora a necessidade de reagrupar e preparar já dera aos alemães quase dois meses para organizarem suas defesas. Chuikov estava furioso.

O Coronel-General Mikhail Katukov, comandante do 1.º Exército de Carros de Combate da Guarda, estava igualmente ansioso para que a ofensiva principiasse e, não obstante, grato pelo atraso. Seus homens

precisavam de descanso e suas turmas de manutenção de uma oportunidade para consertar os veículos blindados.

—Em linha reta, os carros percorreram talvez 570 quilômetros—disse êle a um de seus comandantes de corpo-de-exército, o General Andrey Getman.—Mas os odômetros dêles indicam mais de 2 000. Os homens não têm odômetro, e ninguém sabe qual tem sido o desgaste dêles.

Getman concordou.

—O alfabeto da guerra, camarada general—disse êle a Katukov—ensina que a vitória não se obtém tomando cidades, mas destruindo o inimigo. Em 1812, Napoleão esqueceu-se disso. E perdeu Moscou.

Não havia ilusões acêrca da batalha desesperada que os aguardava. Os Marechais Zhukov, Rokossovskii e Koniev haviam recebido relatórios desanimadores. As estimativas de seu serviço de informações indicavam que mais de um milhão de alemães guarneciam as defesas e que até uns três milhões de civis poderiam auxiliar na luta por Berlim. Em caso afirmativo, o Exército Vermelho poderia ver-se sobrepujado numérica-mente na proporção de mais de três para um.

Quando teria lugar o ataque? Até então os marechais nada sabiam. O que os preocupava mais que tudo era a velocidade da arremetida anglo-americana vinda do Reno. Se Moscou não ordenasse a ofensiva em breve, os inglêses e americanos poderiam chegar antes do Exército Ver-

melho a Berlim. Mas até aí Josef Stalin não dissera a palavra “Siga”.

O Crepúsculo dos Deuses

No SALÃO Beethoven, vermelho e dourado, em estilo barroco, o maestro Robert Heger bateu com a batuta na estante e ergueu o braço direito. Lá fora, em qualquer parte da devastada cidade, o uivo de uma se- reia desvaneceu-se lentamente. Então a batuta desceu e o concêrto para violino de Beethoven brotou suavemente da enorme Orquestra Filar- mônica de Berlim. Enquanto as no- tas cristalinas do solo de violino en- chiam o ar, o auditório que apinhava o intato salão de concertos na Köt- hener Strasse ouvia embevecido. Al- gumas pessoas ficaram tão comovidas com a brilhante execução de Ger- hard Taschner, de 23 anos, que cho- raram silenciosamente.

Durante tôda a guerra os mem- bros da Filarmônica, composta de 105 homens, tinham sido isentos do serviço militar. A orquestra estava subordinada ao Ministério da Propa- ganda de Joseph Goebbels: era boa para o moral; transportava os berli- nenses por alguns momentos para longe da guerra e seus terrôres. Nesse concêrto vespertino da última sema- na de março, o Reichsminister Al- bert Speer, chefe dos Armamentos e Produções de Guerra de Hitler, estava sentado em sua poltrona ha- bitual. Raramente faltava a um con- cêrto. A música aliviava suas angús- tias—e Speer enfrentava agora o maior problema da sua carreira.

No decurso de tãda a guerra, a despeito de todos os insucessos, êle mantivera o poderio industrial do Reich produzindo. Mas de há muito suas estatísticas e projetos haviam anunciado o inevitável: os dias do Terceiro Reich estavam contados. Êle fôra o único ministro que se atrevera a dizer a verdade a Hitler. “A guerra está perdida”, escreveu ao Führer a 15 de março. “Então a nação perecerá”, retrucou Hitler bruscamente.

Em 19 de março, Hitler expediu uma diretriz monstruosa: a Alemanha devia ser destruída totalmente. Tudo devia ser queimado ou ir pelos ares: usinas de fôrça, instalações de água e de gás, reprêsas e eclusas, portos e canais, complexos industriais e rêdes elétricas, todos os navios e pontes, todo o material rodante ferroviário e instalações de comunicações, todos os veículos e depósitos—até as estradas de rodagem do país.

O incrédulo Speer apelou para Hitler. “Devemos fazer tudo para manter, mesmo que de maneira primitiva, uma base para a existência da nação. Não temos o direito de efetuar destruições que possam vir a afetar a vida do povo.”

Hitler mostrou-se inflexível. “Não há mais necessidade de se pensar na base até mesmo da mais primitiva existência”, respondeu. “Pelo contrário, é melhor que nós mesmos destruamos até isso. A nação revelou-se fraca.” Com estas palavras Hitler riscou o povo alemão. “Os que res-

tarem após a batalha são de pouco valor, pois os bons terão caído.” Entre 19 e 23 de março uma torrente de ordens de “terra arrasada” foi irradiada para os Gauleiters e os comandantes militares em tãda a Alemanha. Os morosos no cumprimento delas eram ameaçados de execução.

Durante anos Speer fechara os olhos ao aspecto mais brutal das operações nazistas, julgando-se intelectualmente acima de tudo aquilo. Agora, horrorizado, disse ao General Jodl: “Hitler está completamente doido. É preciso detê-lo.” Arriscando a própria vida, Speer, ajudado por um pequeno círculo seletivo de amigos militares de alta patente, telefonou para industriais, voou até guarnições militares, visitou autoridades nas províncias, em tãda parte argumentando que o plando de Hitler significava o fim da Alemanha para todo o sempre e que não devia ser levado a cabo.

Bem no alto da lista de recursos alemães que Speer lutava para conservar achava-se a própria Filarmônica. Com a aproximação da batalha de Berlim, qualquer dia dêses os músicos poderiam receber ordem de sentar praça na *Volkssturm*—Guarda Territorial. Ou poderiam cair nas mãos dos russos. O Reichsminister, porém, tinha um plano. A primeira parte dêle acabava de ser efetuada. Os 105 homens no palco do Salão Beethoven trajavam ternos escuros de passeio. Seus *smokings*, juntamente com alguns dos melhores instrumentos da orquestra, incluindo

os famosos contrabaixos de Wagner, tinham sido discretamente transportados em comboio de caminhões três semanas antes e escondidos perto de Kulmbach, 390 quilômetros ao sudoeste de Berlim—no caminho do avanço norte-americano.

A segunda parte do plano de Speer—salvar os homens—era mais complicada. Logo que os aliados ocidentais estivessem suficientemente perto para serem alcançados numa viagem noturna de ônibus, todos partiriam imediatamente. No último instante, durante um concerto regularmente previsto, o maestro anunciaria uma mudança no programa, e a Filarmônica tocaria então uma certa seleção—a deixa para os músicos. Imediatamente após o espetáculo eles embarcariam em um comboio de ônibus que aguardava no escuro lá fora.

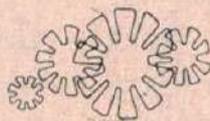
O diretor da orquestra, Dr. Ger-

hart von Westerman, estava de posse da música para o sinal. Quando ela foi entregue, êle perguntou ao auxiliar de Speer: “Você está certo de que foi isso que o Ministro determinou?” Não havia engano. Para o último concerto da Filarmônica de Berlim, Speer pedira o *Götterdämmerung*—“O Crepúsculo dos Deuses”—de Wagner.

Essa escolha—se von Westerman soubesse—daria uma indicação do último e mais ambicioso projeto do Reichsminister. Decidido a salvar tudo quanto pudesse da Alemanha, êle concluíra que só havia um meio de fazê-lo. Havia semanas já que o perfeccionista Albert Speer tentava descobrir a maneira exata de assassinar Adolf Hitler.

A segunda parte de *A Última Batalha* aparecerá no número de maio de Seleções.

(Tradução do General Octavio Alves Velho)



Como é Mesmo?

UM LOCUTOR de rádio informou que a vítima de um acidente de automóvel tivera “pelo menos duas pernas quebradas”.

—“Almanac”, em *Tribune* de Mineápolis

EM CHARLOTTE, Carolina do Norte, via-se na tela da televisão um revólver apontado para os espectadores (tratava-se da cena inicial de um filme de mocinho), enquanto ao mesmo tempo escutava-se ainda a trilha sonora perguntando: “Que é que os médicos recomendam para dores de cabeça?”

—*TV Guide*

NA ESTAÇÃO KABL, de Oakland, Califórnia: “Após esta comunicação, vamos continuar nossa música ininterrupta.”

—Herb Caen, em *Chronicle* de San Francisco